

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO

PENSAMENTO CRIATIVO E PRODUÇÃO DE TEXTO

CURITIBA

2002

PENSAMENTO CRIATIVO E PRODUÇÃO DE TEXTO

**Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Organização do
Trabalho Pedagógico, Setor de
Educação da Universidade Federal do
Paraná.**

**Orientadora: Prof^a. Clara Brener
Mindal**

CURITIBA

2002

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE	2
2 A LINGUAGEM	5
3 A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA CRIATIVA	8
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	11
4.1 ATIVIDADES OBSERVADAS.....	11
5 CONCLUSÃO	14
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16
7 ANEXOS	18

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem a intenção de fazer a relação entre a linguagem escrita e o pensamento criativo. Como a linguagem escrita, especificamente, a produção de texto, pode contribuir para a ampliação do pensamento criativo nos alunos.

Apesar da publicação de diversos materiais sobre a produção de texto, a maioria dos docentes sente dificuldade ao trabalhar com seus alunos. Por isso, este é um assunto que ainda requer muito estudo.

A pesquisa de campo foi realizada numa 3ª série do ensino fundamental, na disciplina de língua portuguesa. Foi observado a produção de texto dos alunos, considerando os critérios que a docente da turma utilizava para avaliar uma produção de texto como criativa ou não.

A primeira parte da monografia vai fazer um levantamento sobre os autores que escreveram sobre a importância da criatividade na educação e algumas definições sobre criatividade.

A segunda parte, vai fazer um levantamento de autores que defendem a linguagem como estimuladora do desenvolvimento do pensamento criativo.

A terceira parte, cita autores que falam sobre como fazer para que os alunos aprendam a escrever melhor.

A quarta parte, apresenta e faz a análise dos dados obtidos na escola e nossas conclusões.

1 IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE

A preocupação principal da escola tem sido a de transmitir o conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade. Segundo Carvalho (2000), com o processo de globalização, passamos a viver num mundo no qual as pessoas e mercadorias (os bens de consumo) se movimentam com mais facilidade e rapidez. E isso vem possibilitando a interação do homem com indivíduos das mais distantes partes do globo e conseqüentemente com um volume enorme de conhecimento.

Carvalho (2000, p. 3 e 4), afirma ainda:

As informações circulam com enorme rapidez e em múltiplas direções, chegando a ser concomitantes(...)

Desta forma, a escola não pode ser apenas um centro de transmissão de conhecimento, onde os alunos exercitam a cópia da cópia, num reprodutivismo cultural e alienador da capacidade crítica e reflexiva.

De acordo com Carmona (1997), o mundo hoje requer um sistema de educação que integre homem – sociedade, e que tenha como objetivo o desenvolvimento pleno das potencialidades criadoras no homem.

Esse autor continua dizendo que o mundo quer que a escola propague sua ênfase no aspecto qualitativo do homem, sua preparação para a vida o enriquecimento constante de suas capacidades de conhecer, compreender, sentir e transformar a realidade, ou seja, no seu melhoramento humano. A escola deve formar homens que pensem e que atuem criativamente diante dos problemas da vida deste planeta.

Os estudos dos processos criativos de acordo com Carmona (1997), aumentam a medida que as necessidades sociais exigem um homem mais criativo, que possa planejar e resolver seus problemas. Para ele, a criatividade impulsiona o homem ao progresso.

Carmona (1997) cita alguns indicadores cognitivos de criatividade:

- Alto grau de inteligência.
- Informação.

- Percepção.
- Intuição / imaginação.
- Abstração.
- Síntese.

Valdés (1997), diz que é função da escola desenvolver o pensamento reflexivo e a criatividade. É preciso elevar o potencial cognitivo da criança. Os professores devem estar capacitados a utilizarem métodos que tornem as crianças aptas ao pensamento reflexivo e criativo.

Para Valdés (1997), o pensamento criativo é um pensamento divergente (crítico – reflexivo e criativo) que possui soluções múltiplas no lugar de soluções únicas.

De acordo com Valdés e Hernández (1997, p.89), “A criatividade é uma potencialidade transformativa da pessoa, baseada em um modo de funcionamento integrado de recursos cognitivos e afetivos, caracterizados por gerenciamentos, flexibilidades, expansão e autonomia.”

O gerenciamento significa possuir o espírito de questionamento e indagação sobre a realidade. A flexibilidade, é aprender a lidar com as várias alternativas; a expansão é a capacidade de imaginação e a autonomia é saber refletir sobre si mesmo, se auto corrigir.

Segundo Llantada (1997), é preciso desenvolver a criatividade para enfrentar as exigências do crescimento científico e técnico do mundo. Quando o potencial humano aumenta, ele gera riquezas em todos os sentidos, pois conduz à criatividade. A qualidade educacional está associada diretamente à criatividade.

O mesmo autor ressalta ainda que na atualidade, o ideal de homem é aquele que sabe responder às necessidades da inovação e produtividade. Para isso, é preciso resgatar a identidade cultural, desenvolver a autovalorização e o estilo próprio.

Llantada (1997) diz que, por isso, é preciso a aplicação de uma pedagogia que incentive a criatividade, para que os alunos exercitem suas potencialidades, sua

compreensão da realidade mundial e local. Um modo educativo em que não existe a participação, que só ensine o conformismo e apatia não é ensino de qualidade. O caráter criador da atividade do docente é a garantia da qualidade.

Cabe ao professor formar pessoas comprometidas, críticas, cooperativas, que conduzam seu próprio destino e da comunidade em que vivem. A escola deve estar junto com a comunidade e a família.

Segundo Llantada (1997) é através da cultura que o homem acumula informações, tradições, experiências, que vão servir de base para sua atividade criadora. O pensamento criativo ajuda o homem a buscar novas alternativas de vida.

O processo educativo precisa, portanto, criar melhores condições, diversificando os métodos e as formas de ensinar. Os professores devem valorizar as idéias e perguntas dos alunos, que as vezes parecem absurdas, e reconhecê-las como possibilidades. Devem incentivar a iniciativa própria para facilitar a busca e a solução de problemas.

2 A LINGUAGEM

A linguagem é a faculdade ou capacidade que tem o homem de comunicar-se por meio de um sistema de signos vocais. Não é uma palavra solta, nem uma frase ou texto isolado, mas uma variedade de discursos com diferentes visões de mundo.

Ela não pode ser entendida como uma atividade dissociada da realidade social, mas como um saber social, historicamente construído. Situa-se na interação, nas relações, e nelas se recria e se transforma.

Por decorrência, não é possível aprender a linguagem se não no interior dessas relações sociais pela prática com outros homens. Somente participando de uma sociedade que faz uso de uma determinada forma de linguagem, o indivíduo tem condições de apropriar-se dela.

Segundo Vigotsky (1991), a relação que o homem tem com o mundo é uma relação mediada por instrumentos e signos.

Os instrumentos são externos ao homem e provocam mudanças nos objetos. Os signos por outro lado, não alteram os objetos, são orientados para o indivíduo e controlam as ações psicológicas, do próprio indivíduo ou de outras pessoas. O que dá forma e estrutura ao pensamento são as palavras. A significação das palavras é um ato de pensamento, na medida em que o significado de uma palavra é uma generalização ou um conceito. Os conceitos são construídos e reconstruídos nas relações sociais. É através da interação social que ocorre o desenvolvimento psicológico do indivíduo.

Diferentes linguagens mobilizam diferentes formas de pensar. E a linguagem escrita exige um alto grau de abstração. De acordo com Vigotsky (1997), ao escrever, o sujeito precisa substituir as palavras por imagens de palavras, ou seja, simbolizar a imagem sonora da palavra por signos escritos. É uma fala sem interlocutor direto, dirigida a uma pessoa ausente ou imaginária. E exige um trabalho consciente, pois deve traduzir a fala interior.

Souza (1996) diz que a medida que o sujeito escreve, vivencia uma certa

forma de pensar, de organizar o pensamento através da escrita.

Tomanik (1997) diz que a linguagem permite que uma experiência qualquer seja conhecida e compartilhada, fora do local e do momento em que ocorreu.

A linguagem falada pode contribuir para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, mas a mesma tende a durar menos tempo ou ser alterada, enquanto a linguagem escrita tende a ser mais permanente. E por isso, é sempre considerada como uma forma oficial de comunicação.

A palavra escrita conserva a idéia original, ela não pode ser negada e permite uma análise muito mais detalhada e precisa de seu conteúdo.

Landsmann (1998) afirma que a escrita cumpre múltiplas funções na sociedade, as formas de discursos vão atender a diferentes propósitos. Ao escrever é preciso refletir sobre as várias alternativas discursivas e escolher a mais apropriada para determinada função. Essa multiplicidade de funções promove o desenvolvimento do pensamento a nível mais alto de formalização.

Os alunos, segundo Landsmann (1998) devem chegar a escrever autonomamente e a transformar o conhecimento. Escrever autonomamente não significa apenas desenhar e copiar letras, mas transformar a própria maneira de pensar.

Landsmann (1998) diz que quando falamos, nossa produção é dialógica, ao escrever a produção é monológica. Isto quer dizer que ao falar recebemos pistas através da fala do outro, mas quando vamos escrever, precisamos dialogar internamente.

Para Landsmann (1998) existem duas formas de escrever um texto. A primeira, é aquela onde o escritor vai colocando no papel o que vem na mente, sem muitas reflexões; a segunda é aquela onde o escritor escreve com uma intenção, de maneira mais elaborada. Quando o aluno escreve com uma intenção, ele precisa escrever com o interlocutor na cabeça, interagindo com um leitor imaginário. Isso resulta num trabalho consciente e controlado. É dessa forma que ocorre o desenvolvimento do intelecto, quando ele precisa refletir sobre as funções dos seus textos.

Segundo Jantsch (1996) os educadores que alfabetizam, não devem apenas priorizar a motricidade e a forma, pois a cópia é apenas um recurso e não exige pensamentos. E o ato de escrever deve ser assumido como um processo de abstração, uma atividade do nosso pensamento.

A produção de um texto, diz Jantsch (1996), requer que o sujeito tome uma posição, e nisso reside a dimensão política. E ao escrever mais de uma vez sobre o mesmo assunto, ou objeto, acabamos inventando a nossa versão de escrita. E é aí que nos tornamos criadores. Quando a linguagem escrita é utilizada apenas para reprodução, repetição, formalismo, perde-se o movimento criador / revolucionário.

Escrever, na nossa concepção, passa a ser uma atividade filosófica (revolucionária), pois com os textos que produzimos dizemos a realidade, abrimo-nos ao mundo (totalidade histórico – social) e somos. Eis que no texto estamos abertos à criação e não às cópias, aos modelos, aos padrões, às estruturas pré – dadas, à mesmice, enfim ao senso comum; projetamos novos mundos; marcamos a nossa diferença. (Jantsch, 1996, p.47).

Diante das afirmações dos autores citados até o momento, é possível chegar a seguinte conclusão: A linguagem escrita pode ser um instrumento para o aprimoramento do pensamento criativo humano.

3 A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA CRIATIVA

Segundo Valdés (1997) as interlocuções com indivíduos e diferentes contextos são facilitadoras da evolução da linguagem escrita e também, promotoras da qualidade textual. Escrever bem pode ser resultado de várias leituras de diferentes textos, mas antes, de pensar e falar sobre a realidade. É o que diz Souza (1996, p.164):

Para tanto, o ato de escrever não pode se afigurar a uma atividade burocrática, na qual o aluno escreve por escrever, numa situação solidária de alheamento do mundo que o cerca. Deverá, ao contrário, a produção textual, ser uma atividade solidária de intervenção verbal, emanada de elementos situados historicamente, de indivíduos que via linguagem, apropriem-se e transmitam uma experiência que revele um saber acumulado ao longo de gerações (...)

Rosing (1997) diz que quem vai escrever deve ser um leitor de vários livros, de bons livros, de variadas linguagens, para que possa dominar uma multiplicidade de estratégias que, serão utilizadas em seus próprios textos. E que ao entrar em contato com o texto é preciso, portanto, perceber a estrutura organizacional, identificar os recursos empregados pelo autor. Para ele escrever bem, é resultado da dedicação e paciência e, principalmente do suor.

Platão e Fiorin (1991, p.3) afirmam que é “nos textos e pelos textos que o aluno vai adquirir competência de operar criativamente com os dados armazenados (...)”

Rosa (1999) diz que na primeira versão de um texto é comum ocorrer erros de ortografia, concordância, desarticulação de idéias e outros. Por isso, a revisão do texto escrito, permite melhorar a qualidade do que se pretende transmitir.

Mas, infelizmente, nem sempre os alunos têm a oportunidade de concertar seus erros de escrita. Segundo Barreira (1992), a instituição escolar tratou a resposta errada do aluno como a doença da ignorância e conseqüentemente, os alunos, por medo acabaram fazendo aquilo que a escola pedia, isto é, reproduziam e copiavam ao invés de criar. E a atividade principal do aprendiz passou a ser lembrar.

Desta forma, muitas escolas utilizam a produção escrita dos alunos como um

mecanismo para o professor corrigir e auferir uma nota ao final do bimestre. O processo de criação / reflexão, é deixado num plano secundário ou é esquecido pela maioria dos educadores.

Rosa (1999) dá algumas sugestões de como o professor pode fazer para que o aluno aprenda a recriar seus textos:

- Estabelecer marcas para a revisão, sublinhados, chaves, riscos, interrogações;
- Definir o que vai ser discutido durante a revisão: pontuação, ortografia, separabilidade, início de texto;
- Sublinhar as palavras erradas e pedir para descobrir onde está o erro e qual a forma correta;
- Trocar textos entre os alunos para que eles revisem e discutam entre si;
- Marcar onde pode entrar mais alguma coisa no texto;
- Observar o início dos textos de vários autores e discutir as diferenças;
- Identificar o melhor texto que já leu e indicar por que o escolheu.

Faraco e Tezza (1997), afirmam que podemos escrever os mais diferentes tipos de textos sobre um mesmo assunto. Dependendo da nossa intenção, a estrutura do texto é alterada.

O texto envolve não somente quem o produz, mas também quem o interpreta. Esse interlocutor é quem vai determinar o que vai ser escrito, já que o texto é destinado a ele. Tendo essa visão de interlocutor, o autor decide sobre o que escreve, que linguagem utiliza, quais recursos são adequados para atingir o que deseja informar, seduzir, convencer, vender, divertir, impressionar, entreter.

Koch e Travaglia (1990) afirmam que o texto possui uma intenção de comunicação e que portanto, deve haver uma seqüência lingüística e unidade de sentido. A coerência é uma fato “global” no texto, é um resultado que advém da relação entre os significados, ou de outra ordenação entre ações realizadas ao falarmos ou escrevermos palavras, frases, nomes, que agem como agentes de unificação textual.

Platão e Fiorin (1991) dizem que um texto coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de modo que não haja destoante e ilógico, contraditório ou desconexo. A coesão é a conexão interna entre os vários enunciados presentes no texto, que é fruto das relações de sentido que existem entre eles. Essas relações são manifestadas por uma categoria de palavras chamadas conectivos ou elementos de coesão, porque conferem unidade ao texto e fazem com que fique claro.

Koch (1991) diz que só os elementos coesivos são incapazes de formar um texto, mas eles que tornam o texto uma realidade de comunicação.

Segundo Faraco e Tezza (1996), não basta que o texto siga as regras gramaticais, mas que seja uma ponte entre dois (ou mais) interlocutores. A organização interna de um texto só tem sentido com relação a organização externa do enunciado, e voltam a afirmar que, como a língua viva só existe em função de seus usuários, a qualidade de um texto escrito só pode ser medida em relação a intenção de quem escreve.

Para que os textos escritos possam ser considerados bons textos, Mandryk e Faraco (1988) afirmam que deve haver unidade temática, que delimita com clareza o assunto central e Unidade Estrutural, que estabelece uma seqüência lógica de informação.

Segundo Valdés e Hernández (1997) na produção escrita, para que possamos diferenciar escrita simples e escrita criativa, deve ser observado os critérios de originalidade, a flexibilidade e a imaginação. Cabe ao professor desenvolver a auto-expressão criativa do aluno, utilizando diferentes linguagens com a finalidade de melhorar a expressão escrita.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBSERVADOS

A pesquisa de campo foi realizada numa turma de 3ª série do ensino fundamental da Escola Eugênia da Cruz Santos Talamini, no município de São José dos Pinhais. A turma era constituída por 36 alunos com idade aproximada de 9 à 10 anos.

4.1 ATIVIDADES OBSERVADAS

a) Primeira atividade:

A professora entregou aos alunos uma folha mimeografada com o desenho de uma joaninha e uma frase inicial e solicitou aos alunos que continuassem as histórias.

O enunciado da história era assim:

Era uma vez uma joaninha que resolveu fugir de casa. Ela arrumou sua trouxinha e...

Texto considerado criativo:

pensou. Eu acho que vou ficar uns tempos na casa da minha amiguinha baratinha. Após ela chegar bateu na porta, tam – tam – tam. E a baratinha respondeu – quem é a joaninha respondeu – sou eu a sua amiga joaninha – entra – joaninha – O que você quer. – Eu quero perguntar para você se eu posso passar uns tempos na sua casa – claro que pode.

Pryncerella 03/07/00 (vide anexo – pg. 18)

O próximo texto foi considerado pouco criativo ou sem nenhuma criatividade:

fi embora tão triste saindo Lagrimas e falou e agora na onde eu vou morar eu vou norar mais não vou chiar nenhum trabalho para para ela e ce ela não querer não vou enceitar proque senão perco ninha amiga querida não tem problema.

Sandro 03/07/00 (vide anexo – pg. 19)

Análise:

No primeiro texto é possível observar que em relação ao conteúdo textual, a aluna trata o problema “fugir de casa” como uma situação normal. Isso é observado quando ela diz que vai ficar uns tempos na casa de sua amiga. Não fala dos conflitos que as pessoas passam quando fogem de casa, nem dos motivos. Seu texto acaba sendo superficial e sem relações com os fatos da vida.

Fazendo a análise do segundo texto, é percebido uma preocupação com a realidade. Ele relata a situação emocional, a dificuldade de sobrevivência e moradia. Sua compreensão do tema “fugir de casa” vai além do superficial, pois ele consegue relacionar a situação da personagem com a vida real.

b) Segunda atividade:

A professora entregou um texto mimeografado para que os alunos fizessem leitura individual e respondessem algumas perguntas. Após essa atividade, eles receberam uma outra folha mimeografada onde eles tinham que pintar, recortar e completar uma paisagem e depois produzir um texto.”(vide anexo pg. 20 e 21)

Texto considerado criativo:

Primavera

A primavera é linda por que os animais brincam as árvores e as flores ficam alegres as árvores dão muitos frutos deliciosos e o gatinho brincava com os peixinhos

e o pássaro ficava cheirando a flor. O sol fortacia a árvore e flores em fim a primavera é muito linda e tem flores lindas e cheirosas.

Luana 22/09/00 (vide anexo pg. 22)

Texto considerado pouco criativo:

A Primavera

a Prima vera e uma estação mais donita que das muitos flores e muitos frutos e que da muito saude para floresta que tem os bichinhos e os filhotinhos por favor não machuque a natureza isso pode prejudicar a você lenhador e pode o ibama vem prende Sandro 22/09/00 (vide anexo pg. 25)

Análise:

No primeiro texto, a aluna fala do tema primavera, como uma época onde tudo acontece de forma harmoniosa. Não faz relação com o mundo real, ela fico no “mundo imaginário”.

No segundo texto, o aluno também fala das belezas da primavera, mas ele faz um alerta, para que ninguém machuque a natureza, pois, pode prejudicar a si próprio. E ainda dá um recado para o lenhador que pode ser preso pelo Ibama.

A diferença nos textos é evidente, pois o primeiro fica apenas no plano da imaginação sem relação com a realidade. Mas o segundo, demonstra uma capacidade de perceber os problemas que os seres humanos enfrentam.

5 CONCLUSÃO

Fazendo a leitura e análise das produções de texto feitas pelos alunos, foi possível observar que a professora considerou criativos os textos que apresentavam poucos erros ortográficos. Barreira (1992), diz que a escola não pode considerar os erros ortográficos como empecilho para fazer uma produção de texto criativo, pois o principal nos textos são as idéias veiculadas nele. Os erros ortográficos ficam para o segundo momento da correção. E infelizmente a postura que a professora considerava importante, era a de corrigir apenas os erros, sem se preocupar com a qualidade textual.

Outro dado observado, é que não foi dado aos alunos a oportunidade de fazer a revisão de suas produções, pois as mesmas eram utilizadas como pretexto para aferir uma nota. Souza (1996) nos fala que o ato de escrever não pode ser uma atividade burocrática. Mas uma atividade solidária de interação verbal, quer dizer, uma atividade “viva”, onde o escritor precisa interagir com seu texto. Rosa (1999) afirma que na primeira versão do texto é normal conter erros, e por isso é preciso dar a oportunidade ao aluno de fazer a revisão de seu texto, para que ele possa melhorar sua produção escrita e transmitir claramente sua idéia ao leitor.

Como a professora não apresentou o planejamento escrito de suas aulas, foi analisado apenas as atividades que ela deu como modelos e seu relato oral do encaminhamento das mesmas. Mas foi possível verificar que, poucos eram os recursos e subsídios oferecidos aos alunos para produzirem seus textos, como por exemplo, o texto da Primavera (anexo pg.), onde a professora poderia Ter enriquecido a produção de textos dos alunos trazendo revistas, livros, etc., que falassem sobre a estação da primavera. Rosing (1997) nos alerta que todo escritor deve primeiro, ser um leitor. Ler vários textos sobre o assunto, facilita na organização das idéias e principalmente na qualidade textual. Mas como pudemos constatar os alunos apenas escreviam o que “vinha na cabeça” sem repensar sua escrita e nem reorganizá-la.

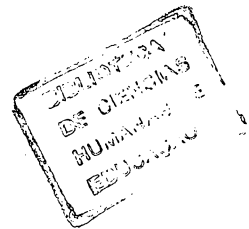
É possível concluir que o trabalho realizado nessa turma, nesse período, pouco contribuiu para a estimulação do pensamento criativo e sua expressão escrita.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARREIRA, S. **O que fazer com o erro**. Contexto, 1992.
- CARMONA, G.B. **Creatividad y trabajo manual**. Psico – USF, Bragança Paulista, 1997, v.2, n.2, p. 31 – 38, jul/dez.
- FARACO, C.A. **Prática de texto**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Oficina de texto**. Apostila UFPR, 1996.
- JANTSCH, P.A. Concepção dialética de escrita – leitura: um ensaio, in LUCÍDIO BIANCHETTI (org). **Trama e texto: Leitura crítica escrita criativa**. v.1. São Paulo: Plexus, 1996.
- KOCH, J. V.A. **Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, J.V.A; TRAVAGLIA, L.C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.
- LANDSMANN, L.T. **Aprendizagem da linguagem escrita – Processos evolutivos e implicações didáticas**. Série Fundamentos. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LLANTADA, M.M. **Creatividad y calidad educacional**. Psico – USF, Bragança Paulista, 1997, v.2, n.2, p. 13 – 29, jul/dez.
- MANDRYK, D.; FARACO, C.A. **Prática de redação para estudantes universitários**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PLATÃO, F.; FIORIN, J.L. **Para entender – leitura e redação**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ROSA, M. da C. de C. **Um novo olhar: Como ensinar a rever textos?** in Salto para o futuro: Ensino Fundamental / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, v.2, 1999.
- ROSING, T.M.K. Se não lêem ou lêem pouco, como esperar que escrevam? in LUCÍDIO BIANCHETTI (org). **Trama e texto: Leitura crítica escrita criativa**. v.2. São Paulo: Plexus, 1997.
- SOUZA.H. C. Produção textual: ação solidária ou solidária? in LUCÍDIO BIANCHETTI (org). **Trama e texto: Leitura crítica escrita escrita criativa**. v.1. São Paulo: Plexus, 1996.
- VALDÉS, A. G. **Desarrollo de la creatividad, el pensamiento y el aprendizaje a través de la ciencia ficción**. “Creando Un Planeta Misterioso”. Psico – USF, Bragança Paulista, 1997, v.2, n.2, p. 63 – 78, jul/dez.
- VALDÉS, A. G.; HERNÁNDEZ, Ó.D’A. **El proyecto pryerea para el desarrollo del pensamiento reflexivo y la reatividad y su efecto en el rendimiento de la lecto – escritura – Una experiencia cubana**. Resultados y porspectivas. Psico –USF, Bragança Paulista, 1997, v.2, n.2, p. 80 – 94, jul/dez.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

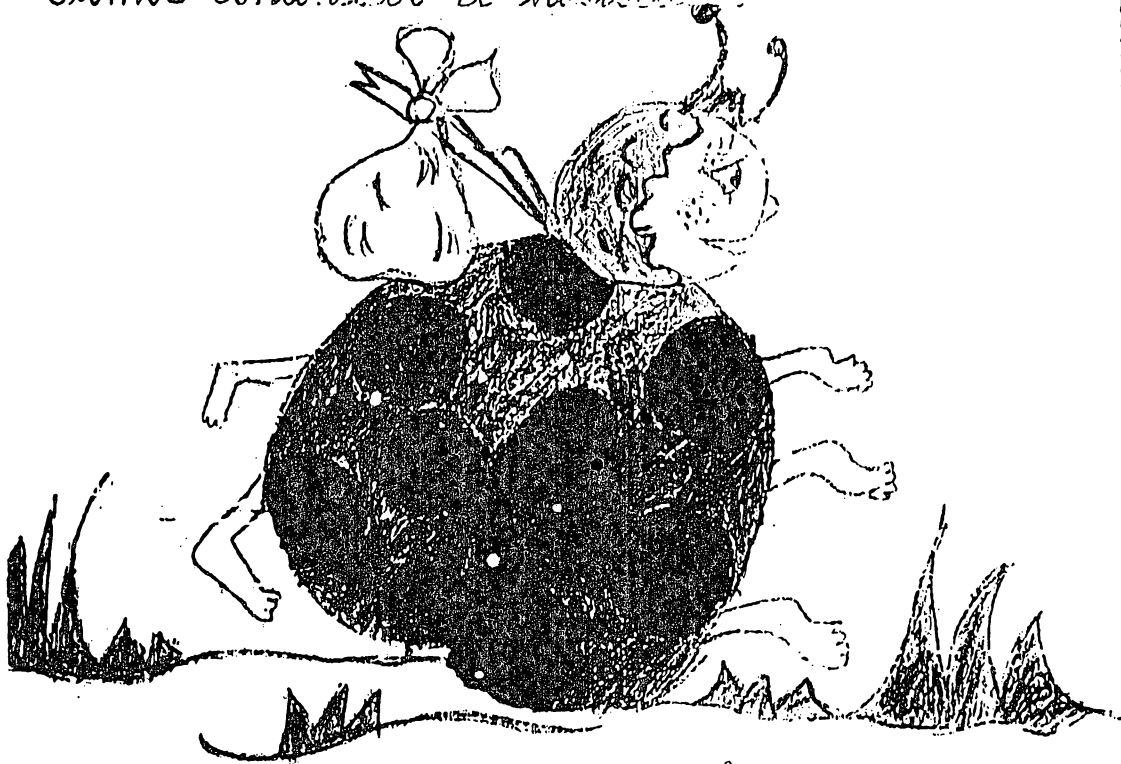
VIGOSTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.



7 - ANEXOS:

Nome: Barbara da Silva
Idade: 10 anos
Escola: Escola Municipal

Vamos continuar a história?



Era uma vez uma menina que resolveu fugir de casa. Ela avistou sua vizinha

próxima. Ela correu para a casa da vizinha e pediu ajuda. Ela explicou a situação e pediu para que ela ajudasse a fugir. A vizinha concordou e levou a menina para casa dela. Ela ficou lá por alguns dias e depois voltou para casa dela. Ela ficou feliz por ter encontrado alguém que podia ajudar.

11/10/18

Nome: Daniela Alana Silveira
Data: _____
Escola: _____

Vamos continuar a história?



Era uma vez uma formiga que resolveu fugir de casa. Ela arrumou sua trouxinha e foi embora. Ela foi para a casa da mãe.

Quando ela chegou lá, ela encontrou a mãe e disse: Mãe, eu vim aqui porque eu não quero mais ficar aqui.

A mãe respondeu: Não fique assim, filha. Você precisa ficar aqui.

Eu não quero, mãe. Eu quero ir embora. Eu quero ir para a casa da mãe.

A mãe respondeu: Não fique assim, filha. Você precisa ficar aqui.

Os Árvores

Devemos amar as árvores como amamos a nossa existência, porque amar-las é compreender a vida.

São as árvores que dão a vida ao homem.

umas dão-lhe flores, que lhe encantam a vista, perfumam o ar e lhe servem de cobertura; outras, com suas flores e raízes, fornecem-lhe preciosos medicamentos ou madeira para construção dos móveis e das casas.

As que nada produzem também são úteis, que se multiplicam o ar, fertilizam o solo e enchem-nos de vida.

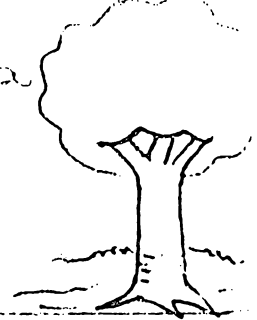
Um país sem árvores é um deserto, onde a existência se torna difícil impossível, que é impossível.

Brasão Heráldico

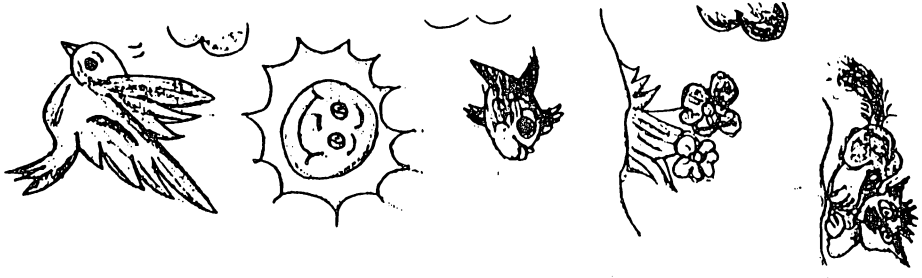
Atividades

1) Complete

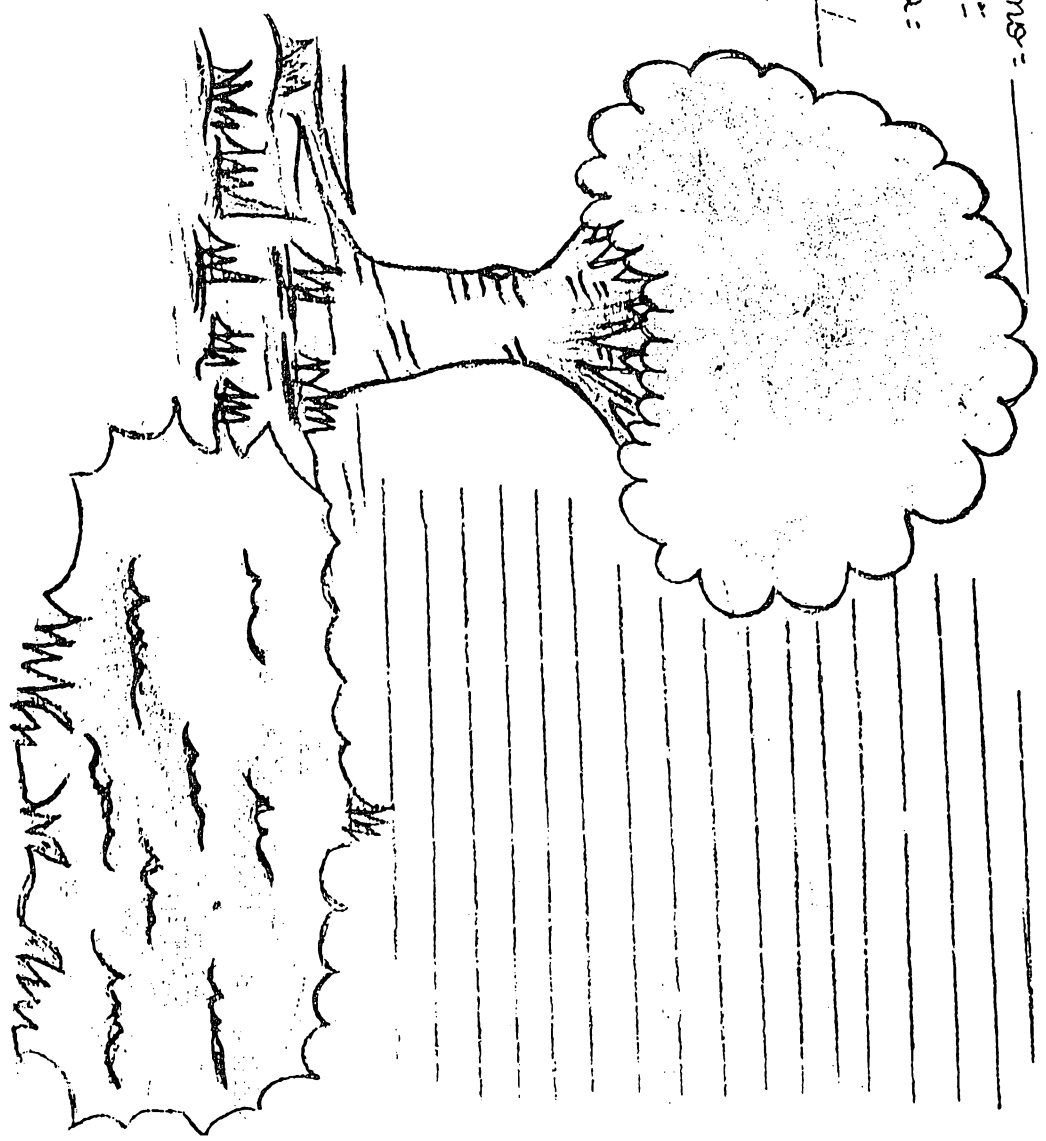
- O título do texto é _____
- O texto apresenta _____ parágrafos.
- O autor do texto é _____
- A ideia central do texto é _____
- No dia _____ comemoramos o dia da árvore.



Entre, recer-
te as figuras
e complete a
narração.



Aluno: _____
 Série: _____
 Turma: _____
 Data: / /



Aluno = Luana S. da N.

Série = 3º

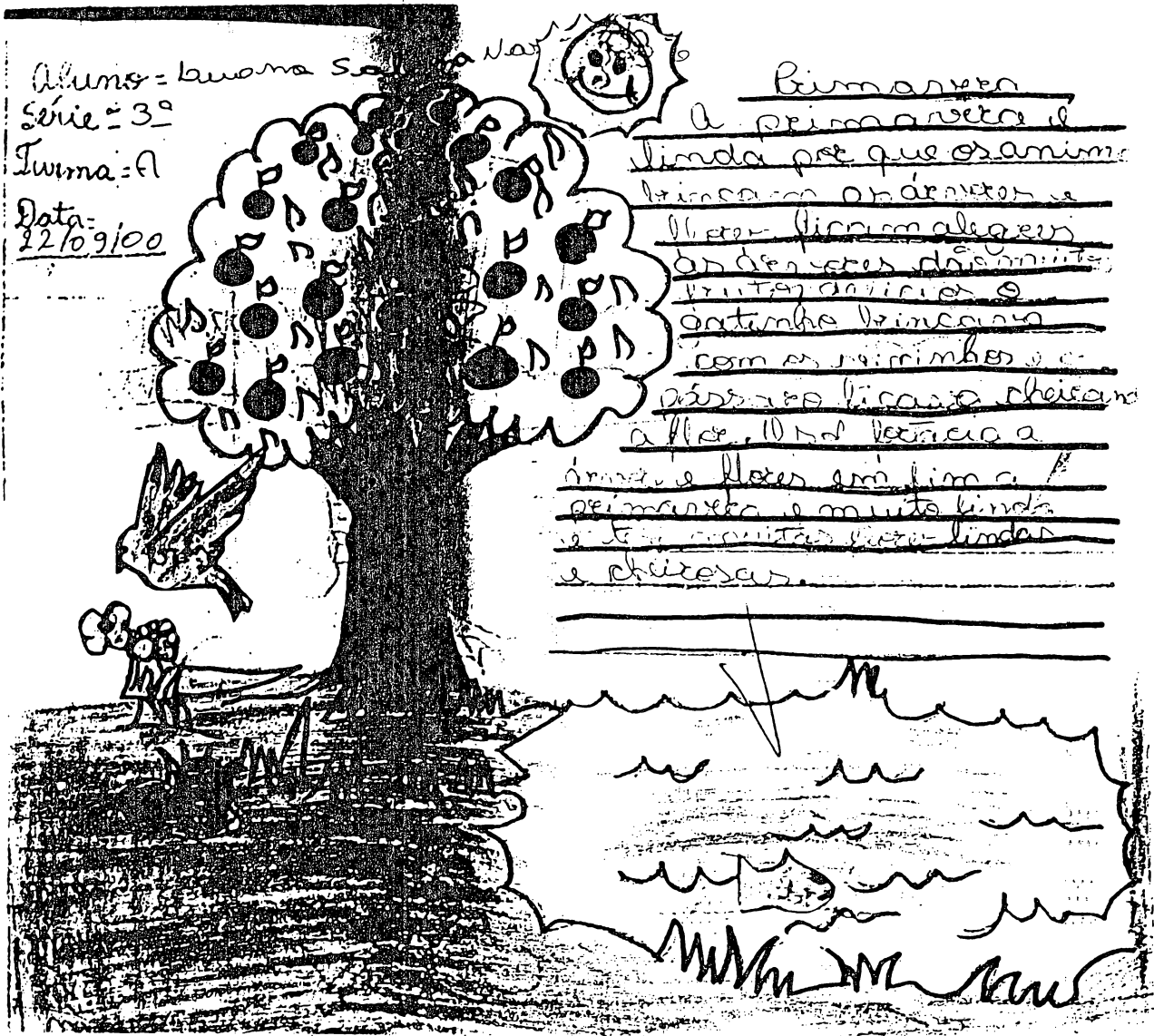
Turma = A

Data = 22/09/00



Primavera

A primavera é linda por que os animais brincam no parque e o sol fica mais alegre. As flores dão muitas frutas doces e também brincam com os rios e o passaros ficam cheirosos. A flor de laranjeira é linda e muito bonita e cheirosa.



Aluno = Samuel
Série = 3º
Turma = A
Data = 23/02/00



A Primavera
a Penina verde
e uns dos estados
mais bonitas que
existem no Brasil
é a Penina Verde
do Rio Grande do Sul
que tem
as montanhas
verdes e as
florestas
muito bonitas
e as cachoeiras
que são
muito bonitas
e as paisagens
muito bonitas
e as paisagens
muito bonitas